

Cidade perde o Sacré Coeur

por Ivo Ribeiro
de São Paulo

São Paulo perderá, a partir de janeiro, um dos mais tradicionais colégios da cidade, o Sagrado Coração de Maria (Sacré Coeur de Marie), onde estudaram várias gerações da elite paulistana. Fundado há 60 anos por uma congregação de freiras francesas e localizado na região nobre dos Jardins, o Sacré Coeur foi arrendado há 11 anos para uma entidade privada – a Sociedade Educacional São Paulo (SESP).

Pais e mães de 400 alunos e mais 40 professores foram surpreendidos nesta semana com a decisão unilateral e irreversível da direção da SESP em suspender as atividades do colégio (primeiro e segundo graus) de 1996 em diante. Cerca de 80 pessoas vão perder o emprego e todos os alunos terão, urgentemente, de iniciar uma corrida em busca de vagas em outros colégios da região. Serão mantidas as atividades de pré-escola e, em especial, a faculdade de engenharia, que funciona quase toda no período noturno com 1800 universitários.

O presidente da SESP e diretor do colégio, Américo da Silva Dias, alegou numa tumultuada assembléia com os pais e professores que o número de alunos era insuficiente para cobrir as despesas. Ele informou que a situação vinha se agravando desde o início do ano, levando a um prejuízo mensal de R\$ 140 mil. O colégio, que cobra uma mensalidade em torno de R\$ 300 para o regime de meio período, segundo Dias, dispõe de capacidade para abrigar até mil alunos, o que poderia equilibrar as receitas e despesas.

Ontem, com a repercussão do fechamento do Sacré Coeur – uma escola bastante conceituada pedagogicamente e que por várias décadas teve o peso da formação trazida pela freira francesa – a diretoria procurou amenizar a decisão, dizendo que seria apenas um “fechamento temporário”, conforme palavras de Milton Moura de Andrade, contador da SESP. Moura afirmou que o problema de déficit está restrito ao colégio e que a receita total da mantenedora chega a ter superávit. Ele negou que a SESP esteja passando por dificul-

dades financeiras. Procurado por este jornal, o presidente não foi encontrado.

SINAL DE MÁ ADMINISTRAÇÃO

“O fechamento do colégio é um sinal da má administração da entidade mantenedora, que há um bom tempo vem deixando de recolher o fundo de garantia de professores e funcionários”, disse Luiz Antônio Barbagli, presidente do Sindicato das Escolas de São Paulo (Sinpro), que representa 35 mil professores das 3 mil escolas particulares do município. Barbagli, que hoje pretende ter uma reunião com a direção da SESP, afirmou que a desativação de uma

escola de alto nível e conceituada como o Sacré Coeur dificilmente acontece. “É provável que a entidade queira concentrar suas atividades no terceiro grau, que tem um custo operacional muito menor que o segundo grau, em que exige forte esforço na formação pedagógica”, acrescentou.

O colégio ocupa uma quadra inteira nos Jardins, numa área de 13 mil metros quadrados com uma das frentes para a avenida Nove de Julho. A congregação das freiras francesas, segundo professores, está sediada no Rio e mantém colégios ainda Belo Horizonte, Brasília e no Espírito Santo.